

Rosa Alice Branco

MAPA DOS  
AMORES  
INCOMPLETOS

*poesia reunida*

*posfácio de*

Valter Hugo Mãe

ASSÍRIO & ALVIM

A azáfama daquelas mulheres  
na cozinha ou no pátio. Desgrenhadas,  
de faca em riste  
ou semeando milho pelo chão.

À noite saíam cheirosas  
e penteadas. Entravam  
cheias de sonhos na cabeça:  
pequenas lêndeas  
nos cabelos desfeitos em lágrimas

Elas esfolam os coelhos  
com as mãos que enlouquecem os homens,  
com as mãos  
que lhes desapertam a braguilha  
quando os coelhos exalam a luxúria  
do fogo  
e nada as detém.

O olhar é diferente das mãos:  
mais carnívoro e cheio de esperança.  
Depois eles atam-nas de vez.  
E todas as noites dentro do coração  
elas desferem golpes gritantes  
porque não sabem esfolá-los em segredo

Enquanto as raparigas cardavam lã  
e a avó cantarolava com as mãos distraídas  
já os homens acariciavam o sonho  
da hora de saída.

Elas agasalhavam-se todas  
e diziam boa-noite à pressa.

As coxas quentes  
ardiam de frio

As mãos dos homens roçavam-lhes  
a saia, o peito altivo  
e tudo as fazia rir.

Entre olhares  
afastavam-se um pouco,  
iam indo aos pares  
e criavam ninho mais além.  
Mas ainda vi o peito de uma  
a saltar da blusa cheio de calor.  
O porco grunhia no curral.  
Cheirava a feno.

Era noite  
e eu uma miúda invisível

Deviam nascer-te travessuras na cabeça  
como a outros nascem dúvidas e cuidados.

Depois corrias a aninhares-te nos braços da mãe.  
Ela embalava-te o mimo e de repente  
saías disparado.

Um dia foste saindo imóvel,  
mas já não estavas nunca

Quando a noite cumpria o seu ofício  
descias pela coluna da varanda.  
Às vezes era só por tropelia  
ou uma partida de bilhar.

De manhã  
ao passar à beira do teu quarto  
a mãe chamava-me baixinho:  
— Olha, dorme como um anjo.

Agora um anjo dorme como tu

Corrias tão depressa.  
Nem a cidade te apanhava os passos,  
as ruas intermináveis mal te punham os olhos  
e a mãe atormentava-se a saber de ti.

Correste para fora  
de todos os lugares onde te procurámos

Sempre achei que a casa  
era grande de mais para lá cabermos.  
Agora prendes-me à cintura  
pelo botão que se desaperta.

Nunca pensei que caíesses.  
Mas não havia linha, só a casa descosida  
e agulhas, agulhas é o que mais há  
a doer na pele da tua ausência

*Pois hoje só dá erva daninha  
No chão que ele pisou*

CHICO BUARQUE

A alegria era lisa como porcelana  
e eu pensava que a nossa vida ia passar nessa estrada  
de asfalto brilhante  
e não na ruga aberta onde te esvoaçam as cinzas.  
Agora que tirei o tempo  
dos avessos, tenho tudo por dizer mas as mãos  
que plantam abandonam-me e afundo-me  
longe da alegria. E confesso que quando  
venho à tona dou comigo a perguntar  
  
porque não aprendeste a ficar cá

Cheirava a cera imaculada,  
a limpo, esfregado, arrumado.  
Tudo brilhava na casa.  
Os cabelos da mãe penteados  
fio a fio  
brilhavam ao longe.

Quando adoecíamos a mãe  
desvelava-se em cuidados.  
Não conhecia sono nem  
fome. Só a nossa cabeceira  
e o medo eterno.

Nessas alturas a dor dela brilhava  
perto de nós

Antes dos sonhos, a mãe vinha beijar-me e falava  
de coisas que nem sei se ouvia.  
No seu olhar, o espanto rotineiro  
de eu ser real ali fora do ventre.  
Às vezes fixava-me para ter a certeza  
já com a mão no punho da porta.  
Eu tentava contar-lhe qualquer coisa  
que a retivesse e tudo o que queria dizer-lhe  
se afastava-se à medida que falava.

Era sempre um adeus que dizia  
nas mesmas palavras  
que a queriam abraçar

# ÍNDICE

## MAPA DOS AMORES INCOMPLETOS (2025)

Mapa das crias (asas vigilantes sobre o asfalto) . . . . .	11
Mapa do azul (antes da noite nos olhos do peixe) . . . . .	12
Mapa dos sentimentos (o navio dos confins) . . . . .	14
Mapa das hipóteses (coincidência de blues) . . . . .	15
Observatório dos dias sem espuma na respiração . . . . .	17
O mapa shandy . . . . .	21
20 mil léguas num bule de chá . . . . .	22
Mapa das feridas (o sulco das páginas) . . . . .	25
Mapa dos desencontros e outras sobras . . . . .	27

## AMOR CÃO: E OUTRAS PALAVRAS QUE NÃO ADESTRAM (2022)

[A escrita é um cão a ganir à porta que se abre] . . . . .	31
[Os homens caminham com um propósito firme] . . . . .	32
[O que amam sem reservas é o dia, o dia límpido.] . . . . .	33
[Decifrar as leis que regem os astros e os seres] . . . . .	34
[À volta da fogueira vão dormindo e os que montam] . . . . .	35
[Escutar é um modo de ver como cheirar ou tocar.] . . . . .	36
[A tribo dizimada caminha em desatino] . . . . .	37
[Ainda hoje descem às aldeias no farejar da noite] . . . . .	38
[As intenções são um coágulo de dúvidas, a ignição] . . . . .	39
[A solidariedade é o desespero partilhado,] . . . . .	40
[Quando o colectivo oferece vantagens inegáveis] . . . . .	41
[Saberia a criança escolher as bagas e os outros sentimentos?] . . . . .	42
[Uma casa. Pensamos-lhes as raízes fincadas à terra,] . . . . .	43
[O cão chacal mastiga a obediência em cada gesto] . . . . .	44
[Herança rara quando se ostenta o melhor] . . . . .	45
[Surpreendo-lhes o jogo, sentada num banco do jardim,] . . . . .	46
[O canídeo sabe tornar-se cortês. A cauda erguida] . . . . .	47
[A bola roda, ele faz panquecas, a mulher põe flores] . . . . .	48

[Mordiscar parece um convite afável, quem sabe] . . . . .	49
[As crias fazem do pai o que bem querem,] . . . . .	50
[Sentia-se infeliz a coitadinha]. . . . .	51
[Escancarou-se o portão, o <i>pit bull</i> estava solto]. . . . .	52
[Passo debaixo das janelas, como quem diz,] . . . . .	53
[Escolher um cão só depende do futuro dono,] . . . . .	54
[Todos acabam por regressar ao futuro onde] . . . . .	55
[A janela é irrelevante na opacidade do gesto] . . . . .	56
[Onde estás, noite? As luzes acendem-se ao cair] . . . . .	57
[Quando leio <i>everyday dog</i> ,]. . . . .	58
[A pele renova-se tão pouco] . . . . .	59
[Já deves ter sentido estas coisas quando ela diz] . . . . .	60
[Ele moreno e ela ruiva, um pouco brusca] . . . . .	61
[No escritório os dias são cada vez mais penosos]. . . . .	62
[Caminhamos por aí e o espaço que nos guarda] . . . . .	63
[Esperar pode ser exasperante quando o amor é como] . . . . .	64
[Os desejos criam um mundo de prazeres e outras tantas frustrações.] . . . .	65
[Um olhar instantâneo a que respondo com]. . . . .	66
[Pior que não atravessar na passadeira é ultrapassar] . . . . .	67
[Nunca sei se hei-de abrir o portão quando me ladra] . . . . .	68
[Os três deitados na cama. Ele enxota-o sem convicção.] . . . . .	69
[Cada vez ouço menos latidos. A memória está surda] . . . . .	70
[A imagem retém-se a despeito de nós. Toma à revelia] . . . . .	71
[A mulher veio tarde e à falta de outro alvo o marido] . . . . .	72
[A minha filha arrepanhou-me de surpresa]. . . . .	73
[Devorar um livro é uma emboscada tão irreversível]. . . . .	74

## TRAÇAR UM NOME NO CORAÇÃO DO BRANCO (2018)

Clipe para todos (folhas unidas jamais serão perdidas) . . . . .	77
Os livros, as folhas, o coração (inconvizinhanças e subversões amorosas) . . . . .	79
Um xaile preto em cada fado (a ronda da noite na viela) . . . . .	80
A bússola que nos perde (beijos sem norte) . . . . .	81
Piano com ou sem cauda (o horizonte não se corta em linha recta) . . . . .	82
Casa de chá da boa nova (sonhos de um bule de chá) . . . . .	83
Porsche Carrera (notas soltas sobre o asfalto) . . . . .	84
Design de exteriores (uma cidade com braços) . . . . .	85
Sound design (variações de Goldbeat) . . . . .	87
Anel de Moebius à lareira (é preciso regar o amor) . . . . .	88

Torrada ao sol em cadeiras ondulantes (eclipse da boca: interlúdio musical) . . . . .	89
Design tipográfico (a forma das letras por isso belas) . . . . .	91
Design de comunicação (protótipo de um beijo) . . . . .	92
Wiggle side chair (Frank Gehry teria feito assim?) . . . . .	93
Um vintage na boca do Porto (as portas do rio) . . . . .	94
Design de produto (& etc.) . . . . .	96
Pick-up da Philips com vinil à solta (um gira-discos é uma longa história) . . . . .	97
Design é chocolate (as emoções ao rubro) . . . . .	99
Design da foz do Porto (e se for assim o naufrágio das palavras?) . . . . .	101
Moliceiro deslizando ao longo das salinas (uma ria à janela) . . . . .	103
Leds na esteira da mão em ambigrama (traçar um nome no coração do branco) . . . . .	104
As bicas descompassadamente (e o rio da aldeia de Caeiro) . . . . .	105
Move stool para Variér (a inclinação de Per Øie) . . . . .	106
A janela de mar (a polpa das ondas na casa de chá do Siza) . . . . .	108
A moldura é um artifício? (as árvores mudam o outono) . . . . .	109
O relógio da estação (hoje e os desconhecidos) . . . . .	111
Logótipo de Lisboa (corvo solar até ao bico) . . . . .	112
Aprendi a tocar Remington (máquina de escrever no coração dos dedos) . . . . .	115
A jóia do vinho (sem esquecer os sentimentos do café) . . . . .	117
A moda das peles (bestiário das almas) . . . . .	119
Design no feminino (as mulheres nas estrelas de alcatrão) . . . . .	120
A soleira da porta: glad for the privacy (while others may prefer Julião Sarmento) . . . . .	122
Bic: a esfera gráfica (a colecção verde e a caneta atómica) . . . . .	124

## CONCERTO AO VIVO (2012)

[O sol amadurece antes do verão.] . . . . .	131
[Atrasei-me ou foste tu] . . . . .	132
[Há uma menina antiga nos teus olhos.] . . . . .	133
[A casa tem pó nas dobras] . . . . .	134
[Ando pela praia. O que procuro é o farol] . . . . .	135
[Acho que te odiei] . . . . .	136
[A minha infância era eu] . . . . .	137
[Passas-me o pão e o café.] . . . . .	138
[Eram esguias as raparigas.] . . . . .	139

[A primavera rebenta pelas costuras]. . . . .	140
[Veio do monte com um cesto à cabeça] . . . . .	141
[O miúdo atrás] . . . . .	142
[O silêncio da mãe arrancava a lua da janela]. . . . .	143
[O futuro que combinámos] . . . . .	144
[A chávena cai estridente ao derramar-se] . . . . .	145
[— Chega-te para lá,] . . . . .	146
[Foi numa viagem para lá dos montes.] . . . . .	147
[A mesa está suja] . . . . .	148
[O piano foi exilado para o vão] . . . . .	149
[O teu rosto radioso]. . . . .	150
[As mães só falam uma língua] . . . . .	151
[As mães deixam de saber quem são] . . . . .	152
[As mães são outra coisa] . . . . .	153
[A azáfama daquelas mulheres] . . . . .	154
[Elas esfolam os coelhos] . . . . .	155
[Enquanto as raparigas cardavam lã] . . . . .	156
[As mãos dos homens roçavam-lhes] . . . . .	157
[Deviam nascer-te travessuras na cabeça]. . . . .	158
[Quando a noite cumpria o seu ofício] . . . . .	159
[Corrias tão depressa.] . . . . .	160
[Sempre achei que a casa] . . . . .	161
[A alegria era lisa como porcelana]. . . . .	162
[Cheirava a cera imaculada,] . . . . .	163
[Antes dos sonhos, a mãe vinha beijar-me e falava] . . . . .	164
[Os olhos rasam-me as lágrimas] . . . . .	165
[Eras só baba e ranho quando] . . . . .	166
[As raparigas acendiam a lamparina] . . . . .	167
[O dia está sempre a exigir] . . . . .	168
[Ribanceiras na tua mão, alfaiates]. . . . .	169
[Pensei que ia ser assim. Tu a fugires]. . . . .	170
[Tu dizias que o amor dela] . . . . .	171
[No centro de uma roda desfeita ] . . . . .	172
[Maninho, galgámos a nossa história] . . . . .	173

## GADO DO SENHOR (2011)

Ofícios do mundo. . . . .	179
Menos razões que aves: Iraque. . . . .	180

Carícia divina . . . . .	181
O cão que me tinha. . . . .	182
Parábola dos talentos . . . . .	183
Caminhos que não levam a nada. . . . .	185
Terra vertida onde menos . . . . .	186
Animais da terra . . . . .	187
Riso sobre a erva . . . . .	188
Dia dos mortos . . . . .	189
Trocar de sangue . . . . .	190
As vespas de palermo. . . . .	191
Só os gatos . . . . .	192
More is less . . . . .	193
A preto e branco . . . . .	194
<i>Sub specie aeternitatis</i> . . . . .	195
Prova da existência da alma . . . . .	196
Porcelana imaculada . . . . .	197
À beira da janela . . . . .	198
Seu a seu dono . . . . .	199
Decomposição das almas. . . . .	200
A alma na boca dos animais. . . . .	201
Arca de noé . . . . .	202
Crescei e multiplicai-vos . . . . .	203
A lógica pode ser uma madalena . . . . .	204
Via sacra . . . . .	206
Sem livro de reclamações. . . . .	208
A morte dos anjos . . . . .	209

**O MUNDO NÃO ACABA NO FRIO DOS TEUS OSSOS:  
PENSA ELA (2009)**

As mães. . . . .	213
Nómadas do outro . . . . .	215
A caneta de Lezama Lima . . . . .	217
O copo de Heráclito . . . . .	218
Suspeitos do costume . . . . .	219
Pela mão de alguém. . . . .	221
Festim do riso . . . . .	222
Desenho da água. . . . .	223
Ainda vivos já?. . . . .	224

Toalha doméstica. . . . .	225
Exactidão do vento . . . . .	227
Pano apertado contra o trigo . . . . .	228
O calcanhar de Narciso . . . . .	229
O teu nome a prumo . . . . .	230
As raízes da noite. . . . .	231
Um céu de cada vez. . . . .	233
Multiplicação dos ratos . . . . .	234
Semente condicional . . . . .	235
A espuma das noites . . . . .	236
A colher dos sonhos . . . . .	237
Logo depois dos corpos . . . . .	238
A primeira pedra. . . . .	239
Princesa desconhecida sem retrato . . . . .	240
Uma azenha sob a cama . . . . .	241
O pescador e a sua alma . . . . .	242
Treino em clap de sol. . . . .	243
Lábio vertical em si . . . . .	245
So long baby . . . . .	246
Amor quanto baste . . . . .	248

## SOLETRAR O DIA (2002)

Passos sem memória . . . . .	253
Casa a meio. . . . .	254
Escadas que sobem . . . . .	255
Inventar a pele. . . . .	256
Ser o que falta . . . . .	257
Cenário com os pés de fora . . . . .	258
Telhas no céu . . . . .	259
Ruas sem rios . . . . .	260
A letra mais pequena . . . . .	261
Ubiquidade. . . . .	262
O ramo mais alto . . . . .	263
O ninho da águia . . . . .	264
Despir a carícia . . . . .	265
As ligaduras do sol. . . . .	266
O fundo das asas . . . . .	267
Um copo para a minha sede . . . . .	268

Manhãs no chão . . . . .	269
25 de Abril . . . . .	270
Rente ao chão . . . . .	271
Duas palavras para a noite . . . . .	272
Ser e parecer . . . . .	273
O sorriso das pernas . . . . .	274
Entre ontem e a tua boca. . . . .	275
Pulmões sem folhas . . . . .	276
O gato andaluz . . . . .	277
As raízes do dia . . . . .	278
Ilusionismo . . . . .	279
Em troca da alegria . . . . .	280
Vamos pelos dias . . . . .	281
A misturar com o sangue. . . . .	282
Trompe-l'oeil. . . . .	283
A crença aberta na gaveta . . . . .	285
Palavras para não saber . . . . .	286
Que te partiste . . . . .	287
Assim seja . . . . .	288
Invenção do olhar . . . . .	289
A palmeira de Kairouan. . . . .	290
A tua pele descalça . . . . .	292
Amanhã digo-te por música . . . . .	293
Gravitação universal . . . . .	294
Retracto puído nas entranhas . . . . .	295
Todos os caminhos . . . . .	296
Serenata à chuva . . . . .	297
As estações de Bashô . . . . .	298
Soletrar o dia. . . . .	299

## ANIMAL VOLÁTIL (2002)

Longe das abelhas . . . . .	303
Este lado do tempo . . . . .	304
A mãe escavada nos dedos . . . . .	305
Mil e uma noites . . . . .	306
Manual de jardinagem. . . . .	307
Horizonte horizontal . . . . .	308
Mensagem silenciosa . . . . .	309

O segredo da matéria . . . . .	310
A arte das dúvidas . . . . .	311
O pecado da gula . . . . .	312
Oração a S. Gregório. . . . .	313
Os cheiros de maio . . . . .	314
O ranger do tempo . . . . .	315
Notas para um concerto . . . . .	316
Teoria e prática da eternidade . . . . .	317
Fogo sensível. . . . .	318
Poema espirituoso . . . . .	319
A pele abre para um épico cenário. . . . .	320
Acima das nuvens, o coração . . . . .	321

#### DA ALMA E DOS ESPÍRITOS ANIMAIS (2001)

A divisibilidade dos aromas . . . . .	325
Inclusive às terças . . . . .	326
Pedras rubras. . . . .	327
Dias melhores . . . . .	328
Arquivo morto . . . . .	329
A irreversibilidade do tempo . . . . .	330
Macho latino: discurso em 1. <sup>a</sup> pessoa . . . . .	332
A ventura marítima . . . . .	333
As vozes dos outros . . . . .	334
Por um dia de inverno . . . . .	335
Hora de ponta. . . . .	336
Visão. . . . .	337
Natureza morta com chaminé. . . . .	338
<i>Arc de Triomphe</i> . . . . .	339
Mapa anatómico . . . . .	340
A mulher ilustrada. . . . .	341
Imagerie cerebral. . . . .	342
Transmigração das almas . . . . .	343
Dia de aniversário . . . . .	344
Voltar a setembro . . . . .	345
O lugar do amor . . . . .	346
Obra-prima. . . . .	347
Condomínio fechado . . . . .	348
20 000 léguas submarinas . . . . .	349

Todos os dias há noite . . . . .	350
Arte poética . . . . .	351
Ser ou não ser de plástico . . . . .	352
Teatro de rua . . . . .	353
Atrás dos dias . . . . .	354
Pescador de pérolas & filho . . . . .	355
No centro do vermelho . . . . .	356
Apanhador de pérolas . . . . .	357
O buraco da agulha . . . . .	358
Sonho de uma noite de inverno . . . . .	359
À flor da pele . . . . .	360
Opacidade do mundo . . . . .	361
Quarto com postigo . . . . .	362
Clarabóias de verão . . . . .	363
O beijo do infinito . . . . .	364
Centomeia . . . . .	365
Pai, quero um aquário com peixes vermelhos . . . . .	366
Praga forever . . . . .	367
Descendo o Danúbio com hipertexto . . . . .	368
Deus lhe pague . . . . .	369
Os peregrinos da TV . . . . .	370
Dia a dia . . . . .	371
Interminável, a noite . . . . .	372
Ales stenar . . . . .	373
Desmantelar certezas . . . . .	374

## O ÚNICO TRAÇO DO PINCEL (1997)

As Artes do Traço . . . . .	379
-----------------------------	-----

### I. CALIGRAFIA

Flor de tinta . . . . .	385
O milagre da sede . . . . .	387
O corpo do papel . . . . .	388
A árvore da sombra . . . . .	389
Tradução livre . . . . .	390
Os lábios do tempo . . . . .	391
Tolerância da chuva . . . . .	392

Histórias de amor de uma velha maçã . . . . .	393
Letra ao sol . . . . .	394
Alfabeto de sentir . . . . .	395
Os degraus do tempo . . . . .	396
O sopro do pincel . . . . .	398

## II. PINTURA

O cheiro do orvalho . . . . .	401
Traço invisível . . . . .	403
Da intemporalidade . . . . .	404
As cores do riso . . . . .	405
O círculo dos peixes . . . . .	406
Lugares puros . . . . .	407
Arquipélagos de tinta . . . . .	408
Os ramos do pulmão . . . . .	409
O círculo dos aromas . . . . .	410
Itinerários sem contorno . . . . .	411
O leve traço do aroma . . . . .	412

## III. POESIA

Desenho do infinito . . . . .	415
Pinceladas de sol . . . . .	416
Maomé e a montanha . . . . .	417
Ao virar da página . . . . .	419
Luz sem mancha . . . . .	420
Os caminhos do teu rosto . . . . .	421
Horizonte rasgado . . . . .	422
Entre as rosas . . . . .	423
Letras voadoras . . . . .	424
O horizonte da casa . . . . .	426
Elogio da gravidade . . . . .	427
O texto do mundo . . . . .	428
O Rosto da Matéria . . . . .	429

## A MÃO FELIZ: POEMAS D(E)ÍCTICOS (1994)

Joelho de papel . . . . .	435
O feitiço da semente . . . . .	437
As hesitações da semente . . . . .	439
A palavra táctil . . . . .	441
An(á)fora. . . . .	443
Magnetismo (1) . . . . .	444
Magnetismo (2) . . . . .	445
O quarto dos ecos . . . . .	447
A qualidade sem nome . . . . .	449
Vibração em lá menor . . . . .	451
A doçura do aqui. . . . .	453
Devoção ao esquecimento . . . . .	455
Amor platónico. . . . .	457
Falso enigma . . . . .	459
Horizonte passageiro . . . . .	461
Linhas invisíveis . . . . .	463
Mão no inverno . . . . .	465
Chávena e notas sobre papel . . . . .	467
Passos ao ouvido . . . . .	469
A velocidade do canto dos peixes. . . . .	471
A proximidade da distância . . . . .	473
Palavras do corpo . . . . .	475
O viajante sem sombra . . . . .	477
Tempo de artifício. . . . .	479
As palavras que me vestem . . . . .	481
Traço de união . . . . .	483
O aroma da língua . . . . .	485
O coração da mão. . . . .	487
O mito do alvo . . . . .	489
Colagem . . . . .	491
Saberei o que não sei? . . . . .	493
O universo da poesia . . . . .	495
A mão feliz . . . . .	499

## MONADOLOGIA BREVE (1991)

Fulguração do olhar . . . . .	503
Dissonâncias . . . . .	504
Coisas adormecidas . . . . .	505
Primeiros dialógicos — 1. <sup>a</sup> parte . . . . .	506
Primeiros dialógicos — 2. <sup>a</sup> parte . . . . .	507
Princípio dos indiscerníveis . . . . .	508
O excesso da criação . . . . .	509
O dom da lua . . . . .	510
O olhar deitado . . . . .	511
A atenção das folhas . . . . .	512
A finitude do horizonte . . . . .	513
Alegria da sombra . . . . .	514
Preparação do vento . . . . .	515
Fundo e folha . . . . .	516
A sede do deserto . . . . .	517
Impunidade do eco . . . . .	518
Carícia da atenção . . . . .	519
Sem perspectiva . . . . .	520
Monadologia breve . . . . .	521
Primeiros dialógicos — 3. <sup>a</sup> parte . . . . .	522
Primeiros dialógicos — 4. <sup>a</sup> parte . . . . .	523
Aparências . . . . .	524
Aridez das folhas . . . . .	525
Apetições . . . . .	526
Panejamento . . . . .	527
A obra à janela . . . . .	528
Harmonia pré-estabelecida . . . . .	529
Nas ilhas ao mesmo tempo . . . . .	530
Matéria do olhar . . . . .	531
Harmonia universal . . . . .	532
Primeiros dialógicos — última parte . . . . .	533

## ANIMAIS DA TERRA (1988)

### A PRESENÇA

A extinção do olhar . . . . .	539
-------------------------------	-----

A exactidão da memória . . . . .	540
A sombra da sombra . . . . .	541
A floração da porta . . . . .	542
Ora límpida . . . . .	543
O labirinto junto à porta. . . . .	544
O movimento do silêncio . . . . .	545
A repartição do gesto. . . . .	546
Capitulação da seiva . . . . .	547
A ausência da boca . . . . .	548
A sandália da mulher. . . . .	549
A densidade da lua . . . . .	550
A orla da noite . . . . .	551
O cisne submerso . . . . .	552
A respiração do tempo. . . . .	553
A obsessão das aves . . . . .	554
A semelhança da terra . . . . .	555
O voo do insecto. . . . .	556
As margens da festa . . . . .	557
A paz antiga . . . . .	558
Cerração do tempo . . . . .	559

## A VIAGEM

Cenário . . . . .	563
O abismo branco. . . . .	564
Descrição dos sinais. . . . .	565
Circunstância agreste. . . . .	566
A lua a arder . . . . .	567
A raiz da semelhança . . . . .	568
A palavra à janela . . . . .	569
O interior da água. . . . .	570
O cavalo verde. . . . .	571
Repetição do deserto . . . . .	572
O corpo da distância . . . . .	573
Oscilação da cor . . . . .	574
A montanha ajoelhada. . . . .	575
O abismo da superfície . . . . .	576
Animais da terra . . . . .	577

## A MULHER AMADA (1981)

Tradução de um corpo . . . . .	583
1. [A tua cabeça dorme sobre] . . . . .	583
2. [Nua] . . . . .	584
3. [Pedacos de janelas] . . . . .	584
4. [Vaga a mão vaga] . . . . .	585
5. [Dos meus olhos sai o mar] . . . . .	585
Um véu para a ausência . . . . .	586
1. [Treme] . . . . .	586
2. [Pousa a minha pele] . . . . .	587
3. [Quase turva de mim] . . . . .	587
4. [Não é a morte] . . . . .	588
5. [Se a boca] . . . . .	588
<i>Liturgia dos lúcidos</i> , Valter Hugo Mãe . . . . .	589